

I Seminário Brasileiro Sobre o Livro e História Editorial

Realização: FCRB - UFF/PPGCOM – UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 - Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigentes no Brasil. Não pode ser reproduzido sem autorização prévia do autor.

A História do Livro, da Edição e da Leitura: um balanço de 50 anos de trabalho

Jean-Yves Mollier

Tradução: Marisa Midori Deaecto

Em 1952, em nota publicada na revista *Annales*, Lucien Febvre chamava a atenção dos historiadores sobre um domínio até então legado aos eruditos, colecionadores e especialistas em biblioteconomia ou em literatura: o livro.¹ Seis anos mais tarde, ele consignava com um de seus alunos, Henri-Jean Martin – a propósito, um especialista em documentos antigos* – a publicação de *L'Apparition du livre*.² Previsto para figurar na coleção “A evolução da humanidade”, de Albin Michel, este volume naturalmente se inseria em um afresco que parecia buscar no homem culto as referências necessárias que o situassem no tempo e no espaço. Vinte anos antes, na época em se iniciavam os trabalhos da *Enciclopédia Francesa*, Lucien Febvre havia longamente refletido sobre o lugar que deveria ocupar, e que de fato ocupou, em 1939, no tomo XVIII, *La Civilisation de l'écrit*.³ Dirigida por Julien Cain, a obra tem por título, dado elucidativo do pensamento do historiador das mentalidades, *La Civilisation écrite. Le livre, les journaux, les bibliothèques*.⁴ Fato inconteste, é que esta ordem não foi escolhida ao acaso, de modo que o livro se inscrevia nesta visão como o elemento fundador de

¹ *Annales ESC*, 1952, p. 309.

* *Chartiste*, no texto de origem, ou seja, formado pela École Nationale de Chartes, cuja especialidade é a formação de arquivistas e paleógrafos [N.T.].

² FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean, *L'Apparition du livre*, Paris : Albin Michel, 1958. [O aparecimento do livro. São Paulo : Unesp; Hucitec, 1992].

³ *Lucien Febvre et "L'Encyclopédie française"*, dir. J. Pluet-Despatin, *Cahiers Jean-Jaurès*, janvier-juin 2002, N°s 163-164.

⁴ *Ibid.*, p. 62-63.

uma civilização do escrito, interditando por certo qualquer veleidade de pensar uma “civilização do jornal” ou “do livro” autônoma.

Em 1987, na seleção de artigos intitulada *Lê livre sous l'Ancien Régime*,⁵ Henri-Jean Martin, que se tornou para a comunidade científica internacional, juntamente com Roger Chartier, o promotor cobiçado de *L'Histoire de l'édition française*, obra em quatro volumes publicados entre 1983 e 1986,⁶ recordaram esta herança, antes, esta dívida, propondo um primeiro balanço da evolução da disciplina. Por longo tempo mantida como apanágio de colecionadores agrupados, por exemplo, no *Bulletin du bibliophile*, fundado por Charles Nodier, em 1834, ou dos estetas *fin-de-siècle*, de Henri Martineau a Divan, ela havia enfim interessado os homens de arte, em princípio, os impressores – de Paul Dupont a Maurice Audin⁷ – e, em seguida os editores. Estes, no entanto, tendiam a se encerrar na narrativa hagiográfica – é o que ocorre no *Livre de famille* dos Plon, e no *Plus beau métier du monde*, de Françoise Verny⁸ – evitando, dessa forma, qualquer referência aos arquivos contábeis de suas empresas. Foi em reação a este tipo de abordagem e contra a bibliografia material divulgada pelos bibliotecários, que os historiadores formados por Febvre e Martin orientaram suas pesquisas na direção da economia do livro, das técnicas de produção, das feiras, dos mercados, privilegiando os períodos remotos que a documentação existente era capaz de atingir. Desse modo, o olhar do observador se deslocou, possibilitando o interesse pelos livreiros de outrora, de Aldo Manuce, o veneziano, ou Charles-Joseph Panckoucke, o segundo livreiro da *Encyclopédie*. Suzanne Tucoo-Chala e Robert Darnton passaram a utilizar com abundância as fontes que emanavam diretamente da Société Typographique de Neuchâtel⁹ e a retrazar a aventura da difusão do *Dicionário analítico das ciências, das artes e dos ofícios*.^{*} Ao lado deles, outros pesquisadores naturalmente se distanciavam da versão desenvolvida pelos especialistas das Luzes e se descortinava um universo no qual o capitalismo se engolfava por todos os interstícios de uma sociedade de ordens em vias de extinção.¹⁰

⁵ MARTIN, Henri-Jean, *Le Livre sous l'Ancien Régime*, Paris: Promodis, 1987.

⁶ CHARTIER, Roger, et MARTIN, Henri-Jean, dir., *Histoire de l'édition française*, Paris : Promodis-Cercle de la librairie, 1983-1986, 4 vol., rééd. (augmentée), Fayard, 4 vol., 1990-1991.

⁷ Desde 1854, Paul Dupont assina uma *História do impresso*.

⁸ Ver MOLLIER, Jean-Yves, et SOREL, Patricia, "L'histoire de l'édition, du livre et de la lecture en France aux XIX^e et XX^e siècles : approche bibliographique", *Actes de la Recherche en sciences sociales* N° 126-127, mars 1999, pp. 39-59.

⁹ TUCOO-CHALA, Suzanne, *Charles-Joseph Ponckoucke et la librairie française. 1736-1798*, Paris, Jean Touzot, 1977 et DARNTON, Robert, *L'Aventure de l'Encyclopédie*, Paris, Lib. Acard. Perrin, 1982.

^{*} *Enciclopédia ou Dicionário raciocinado das ciências, das artes e dos ofícios*. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 1989. [N.T.]

¹⁰ MOLLIER, Jean-Yves, *L'Argent et les Lettres. Histoire du capitalisme d'édition. 1880-1920*, Paris, Fayard, 1988, ch. I.

Após 1968, outras temáticas vinham igualmente irrigar este campo e Roger Chartier, em grande medida herdeiro de Michel de Certeau e do François Furet de *Ler e escrever: alfabetização dos franceses de Calvino a Jules Ferry* (1977), notabilizar-se-ia ao sustentar um debate aberto com Robert Mandrou, por refutar a noção de cultura popular elaborada ao abrigo de qualquer contaminação pelo mundo letrado.¹¹ Propondo uma reflexão fundada nas práticas culturais, ele convidava a olhar de perto os volumes em circulação em uma dada sociedade. Ele sugeria a apropriação da metodologia proposta pelo britânico Donald McKenzie, pai de uma sociologia renovada da leitura graças ao uso particularmente engenhoso de técnicas tomadas da velha bibliografia material que ele próprio promoveu.¹² Em seguida, vieram os estudos sobre os usos variados do impresso, as práticas de leitura, que se multiplicaram nos anos de 1980, e que nos surpreenderam pela liberdade do leitor, por suas improvisações e seus ardis nos textos, retomando, assim, as veredas abertas por Richard Hoggart, em 1957, quando ele se distanciava da Escola de Frankfurt e sua teoria esclerosante da alienação.¹³ Observa-se que o quantitativo começava a ser abandonado, que a série provocava náuseas nos historiadores do cultural e o marxismo se rendia, também neste caso, a ataques via de regra vindos daqueles que acreditavam dever culpá-lo por todos os defeitos de seus epígonos.

Partindo deste ponto de vista, *L'Histoire du capitalisme d'édition*, publicada no mesmo momento, em 1988, sob o título de *L'argent et les lettres*,¹⁴ era uma tentativa de evitar que se jogasse o recém-nascido com a água da banheira, sob o risco de chorar mais tarde sua perda. Bem acolhido, o livro iniciou um movimento de pesquisas sobre os editores do século XIX, os únicos a terem de fato exercido esta atividade, após se libertarem das amarras do Antigo Regime. No fundo, neste estágio da produção do livro até sua recepção, passando pela difusão, do século XV ao século XX, os historiadores atiravam flechas para todas as direções, a fim de compreender o lugar que o livro e os homens do livro tinham ocupado no Ocidente. Ao discutir, um pouco mais tarde, a definição do livro – um impresso com, no mínimo, 49 páginas, segundo a Unesco – e ao propor o estudo dos impressos efêmeros, que circulavam em número freqüentemente muito significativo no século da imagem, fui levado a inserir a “literatura de rua” no campo desta disciplina, sugerindo algumas comparações com o Brasil, no

¹¹ MANDROU, Robert, *De la culture populaire aux XVII^e et XVIII^e siècles*, Paris, Stock, 1975 pour la 2^e édition et CHARTIER, Roger, *Lectures et lecteurs dans la France d'Ancien Régime*, Paris, Seuil, 1987, et *Les Usages de l'imprimé*, Paris, Fayard, 1987.

¹² MCKENZIE, Donald F., *La Bibliographie et la sociologie des textes*, Paris, Ed. du Cercle de la Librairie, 1991.

¹³ HOGGART, Richard, *La Culture du pauvre*, trad. fr., Paris, Ed. de Minuit, 1970. [*As utilizações da cultura*. 2 v. Lisboa : Presença, 1973].

¹⁴ MOLLIER, Jean-Yves, *op. cit.*

tocante à literatura de cordel do século XIX, da Índia das lendas impressas versificadas à glória dos bandidos de honra, ou da literatura islâmica no mundo árabe.¹⁵

Considerando a explosão deste campo em múltiplas direções, um primeiro colóquio mundial de história do livro e da edição buscou pontuar, em 2000,¹⁶ este meio século de publicações e chamar a comunidade de pesquisadores para encontros periódicos evitando, assim, a delimitação das pesquisas em perspectivas exageradamente nacionais, o que parece inevitável no tocante aos escritos sobre a história do livro, um pouco por todas as partes do mundo.

O livro, a edição, a leitura, três objetos ou um só?

Antes de avançar nesta retrospectiva em forma de balanço, convém definir o objeto e, primeiramente, precisar a ordem dos três termos. Se nos detivermos exclusivamente na cronologia, constataremos que os homens leram antes da existência de livros na forma do *volumen* ou do *codex*, pois as tabuletas de argila da Mesopotâmia ou as inscrições chinesas sobre estelas são anteriores à antiguidade greco-romana. Entretanto, à medida que as maneiras de ler se tornam dependentes do suporte material sobre o qual a escrita se fixa, parece necessário, de um ponto de vista estritamente metodológico, retroagir no tempo deste estudo e antepor o estudo do livro e da edição, pressupostos úteis, senão indispensáveis, para a passagem ao terceiro estado. Observa-se, com efeito, que os dois mestres de *Histoire de la lecture dans le monde occidental*, Guglielmo Cavallo e Roger Chartier,¹⁷ são historiadores do livro, mas, ao se aproximarem de seu novo tema de estudo, eles utilizaram os conhecimentos adquiridos anteriormente, o que os distanciou da esfera por demais especializada segundo a orientação de pedagogos, psicólogos e especialistas em história da educação. Nesse aspecto, partiu de uma filósofa especializada nesta escola, Anne-Marie Chartier, e de um historiador das práticas de leitura no meio popular, Jean Hébrard, a orientação das pesquisas inseridas no grosso volume intitulado *Discours sur la lecture*,¹⁸ sublinhando, assim, pleno acordo com as novas formas do fazer histórico.

Para estabelecer o lugar do livro na história, somos convidados a repensar o que é o *liber* ou o *biblion* e a interrogar suas origens. Em 1958, no entender de Lucien Febvre e de Henri-Jean Martin era preciso partir de

¹⁵ MOLLIER, Jean-Yves, *Le Camelot et la rue. Politique et démocratie au tournant des XIX^e et XX^e siècle*, Paris, Fayard, 2004.

¹⁶ MICHON, Jacques, et MOLLIER, Jean-Yves, *Les Mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIII^e siècle à l'an 2000*, Québec, Les Presses de l'Université Laval/Paris, L'Harmattan, 2001.

¹⁷ CAVALLO, Guglielmo, et CHARTIER, Roger, *Histoire de la lecture en Occident*, Paris, Seuil, 1995. [São Paulo: Ática, vol.1: 1998 ; vol.2: 1999].

¹⁸ CHARTIER, Anne-Marie, et HÉBRARD, Jean, *Discours sur la lecture. 1880-2000*, Paris, BPI/Fayard, 2000. [São Paulo : Ática, 1995].

Gutenberg e de Lutero, da Reforma e da Contra-Reforma, para explicar a extraordinária expansão do impresso na Europa, em seguida na América e no restante do mundo, a Ásia formando uma sorte de campo isolado devido ao aparecimento das técnicas de impressão na China, na Coreia e no Japão, muito antes da Idade Média. Passados vinte e cinco anos, Martin e Chartier teriam posto em dúvida a validade do título de obra referencial da disciplina, pois, explicavam eles, nos primeiros tomos de *L'Histoire de l'édition française*, que o *volumen*, o rolo de papiro dos egípcios ou o de pergaminho dos gregos e dos romanos, constituíam já um livro e que o termo designa, aliás, um rolo completo quando este se torna sinônimo de uma parte da obra, tal qual o famoso Livro VII de *A República* de Platão, onde é contado o mito da caverna.¹⁹ Ao datar o aparecimento do *códex*, o caderno de folhas costuradas ou encadernadas, nos dois primeiros séculos da era cristã, ao explicar que tanto o aparecimento da “miniatura carolíngia”, quanto a separação das palavras e a pontuação na época de Carlos Magno, são contemporâneos à multiplicação dos manuscritos e sua fabricação em cadeia pelos *scriptoriae* – os ateliês de monges copistas – eles demonstraram que o livro existiu antes do ano 1000. Nos séculos seguintes, bastou acrescentar a paginação, as margens e as notas de pé de página, para que se pudesse, enfim, encontrar reunidas todas as características físicas do livro moderno. Talvez uma faltasse, sua impressão sobre papel, o que foi feito, graças aos chineses e às caravanas árabes, em seguida, aos moinhos europeus, muito antes que Gutenberg impusesse sua revolução dos caracteres móveis para imprimir a famosa *Bíblia* de 42 linhas da Mogúncia.

Ora, podemos falar, precisamente, em *revolution of print* como o fez Elizabeth L. Eisenstein,²⁰ tese que Roger Chartier contestou fervorosamente, levando a autora a precisar sua argumentação nas edições ulteriores de sua obra? Para o historiador francês, é um abuso de linguagem falar em “revolução impressa”, pois o livro existe, compreendendo também sua forma moderna, muito antes da impressão, do mesmo modo que o manuscrito não deixou de existir após o aparecimento dos incunábulos. No século XVII, a voga da correspondência que bem ilustra a marquesa de Sévigné e, em seguida, a das “gazetas manuscritas”, que não raro são preferidas às narrativas das gazetas impressas, parecem provar a coexistência pacífica entre as velhas e novas formas de comunicação. No lugar de uma “revolução do impresso”, seria conveniente falar de uma evolução dos livros e das formas de ler. A nosso ver, este debate salutar permitiu um consenso da comunidade de pesquisadores sobre a definição do livro como suporte não periódico de leitura, o que nos possibilitou distingui-lo

¹⁹ CHARTIER, Roger, et MARTIN, Henri-Jean, *op. cit.*

²⁰ EISENSTEIN, Elizabeth L., *La Révolution de l'imprimé. A l'aube de l'Europe moderne*, trad. fr., Paris, Hachette Littératures, coll. "Pluriel", 2003. [São Paulo: Ática, 1998].

do jornal, sem que, na verdade, fossem resolvidos todos os problemas, como veremos a respeito dos impressos efêmeros. Ao mesmo tempo, estamos de acordo com Elizabeth L. Eisenstein quanto ao mérito de se ter novamente sublinhado a importância do quantitativo em matéria de história cultural. É possível que as representações continuem as mesmas quando se passa de uma sociedade onde apenas os clérigos sabem ler – Carlos Magno é um dos primeiros príncipes a adquirir esta capacidade, mas ele não sabe escrever – a uma outra sociedade na qual todos os indivíduos, homens e mulheres, urbanos e rurais, são chamados a possuir livros? De fato, a revolução do impresso teve lugar, mas, como tudo na história, com ritmos temporais diferenciados. Sem brincar de adivinhação, podemos, além disso, presumir que, com o aparecimento da tela plana do computador, numa terceira revolução do livro as conseqüências levarão algum tempo para se generalizar.²¹

Uma vez definidos o primeiro e o terceiro objetos de nosso domínio de investigação, resta-nos ainda precisar o que compreendemos por editor. Se nos contentamos com uma definição puramente literal, corremos o risco de passar ao largo da mutação que se opera na Inglaterra, na Alemanha e na França, no período de 1780 a 1800, momento em que o editor aparece como uma figura nova em relação à livraria do Antigo Regime e na cadeia de profissões do livro.²² Com efeito, além das aparências e das ilusões que a miragem da analogia projeta, não existe praticamente nenhuma relação entre a atividade desempenhada pelo livreiro Secundus que, em Roma, no século 80 d.C., vendia as *Epigramas* do poeta Martial, e aquela que conduzirá Poulet-Malassis, em 1857, ao propor ao público *As flores do mal* de Charles Baudelaire. A noção de autor teria nascido entre estas duas datas, transformando radicalmente a idéia de que então se fazia da escrita, e provocando, de uma certa maneira, a necessidade de se fazer emergir, no mundo livreiro, seu parceiro privilegiado: o editor.²³ É, então, neste momento em que a edição se separa da papelaria – a fabricação do papel – da impressão – a fabricação do livro – e da venda ao atacado ou ao varejo – a difusão – que se torna possível seu diálogo com o autor, seu valor agregado ao manuscrito, enfim, que ela se lance na história. De Charles Joseph Panckoucke, Friedrich Brockhaus ou John Murray, no final do século XVIII, a Gaston Gallimard, Kurt Wolff e James Allan Lane, no século XX, um autêntico *continuum* aproxima estas grandes figuras de homens duplos, que são a um só tempo empresários e promotores culturais, negociantes de grande envergadura e criadores de políticas culturais dignas deste nome. Todos

²¹ MOLLIER, Jean-Yves, *Où va le livre ?*, rééd., Paris, La Dispute, 2002.

²² MOLLIER, Jean-Yves, "Le livre, la lecture et l'édition dans la culture contemporaine", *Texte. Revue de critique et de théorie littéraire*, N° 31-32/2002, p. 241-260, et "Ecrivain-éditeur : un face-à-face déroutant", *Travaux de littérature* N° XV/2002, p. 17-39.

²³ PFISTER, Laurent, *L'Auteur, propriétaire de son œuvre ? La formation du droit d'auteur du XV^e siècle à 1957*, thèse de droit, université de Strasbourg, 1999, et EDELMAN, Bernard, *Le Sacre de l'auteur*, Paris, Seuil, 2004.

conferiram à edição seu grau de nobreza, ao inverter sua pulsão fundadora e ao fazê-la passar do estímulo pela demanda social à lógica de oferta, fato que os obrigam permanentemente a antecipar as necessidades, os gostos e as inclinações de seus concidadãos.²⁴

A ruptura da noção de livro

De Lucien Febvre aos nossos dias, o estudo destes objetos a um só tempo materiais e culturais, que são os livros, variou muito. Por razões muito fáceis de se compreender, os homens colecionaram as iluminuras, depois os livros de horas e os volumes magnificamente encadernados. Constituíram-se, assim, as grandes bibliotecas, de príncipes e de clérigos, antes de passarem por um processo de laicização e de se tornarem objetos de cobiça de homens cultivados.²⁵ Por definição, o impresso de fabricação mais grosseira, não sujeito ao depósito legal, correria maiores riscos de fugir à vigilância dos censores, dos oficiais, e dos eruditos. Considerando a necessidade de explorar, antes, o que era acessível, os pesquisadores em história do livro se concentraram por muito tempo nas belas edições dos poetas da *Pléiade*, de Pascal ou de La Fontaine, de Voltaire, ou de Victor Hugo, e foi muito recentemente que o interesse de trabalhar sobre toda a sorte de livros veio a lume. Neste movimento pendular tirou-se proveito dos períodos mais antigos, de modo que a história dos livros da biblioteca azul de Troyes foi acompanhada pela dos almanaques, dos *Mathieu Laensberg* e outros *Messagers boiteux* que cobriram o Ocidente com suas profecias, do século XV ao XX.²⁶ Paralelamente a esta abertura do ângulo de observação do livro, outros pesquisadores se interessaram pela atividade panfletária, dos libelos e gravuras injuriosas que floresceram durante as guerras de religião na França, perpassando a fronda^{*} ou ainda a Revolução de 1789. Como os trabalhos que se tornaram clássicos de Christian Jouhau sobre as *Mazarinadas*, Denis Crouzet sobre as *Revoltas religiosas* e Antoine Baecque ou Annie Duprat sobre as caricaturas antimonarquistas,²⁷ dispõe-

²⁴ MOLLIER, Jean-Yves, *Louis Hachette (1800-1864). Le fondateur d'un empire*, Paris, Fayard, 1999.

²⁵ *Histoire des bibliothèques françaises*, Paris, Promodis-Ed. du Cercle de la librairie, 1989-1992, 4 vol.

²⁶ BOLLÈME, Geneviève, *La Bibliothèque bleue. La littérature populaire en France du XVII^e au XIX^e siècle*, Paris, Gallimard-Julliard, coll. "Archives", 1991, et *Les Almanachs populaires aux XVII^e et XVIII^e siècles. Essai d'histoire sociale*, CHARTIER, Roger, et LÜSEBRINK, Hans-Jürgen, *Colportage et lecture populaire. Imprimés de large circulation en Europe. XVI^e-XIX^e siècles*, Paris, IMEC Ed.-Ed. de la MSH, et *Les Lectures du peuple en Europe et dans les Amériques du XVII^e au XX^e siècle*, dir. LÜSEBRINK, H.-J., MIX, Y.-G., MOLLIER, J.-Y., et SOREL, P., Bruxelles, Complexe, 2003.

* Partido político francês que se rebelou contra Mazarino (1602-1661) durante a menoridade de Luís XIV (1638-1715) e precipitou uma guerra civil (1648-1653) [N.T.].

²⁷ DE BAECQUE, Antoine, *La Caricature révolutionnaire*, Paris, CNRS, 1988, DUPRAT, Annie, *Le Roi décapité : essai sur les imaginaires politiques*, Paris, Ed. du Cerf, 1992, et *Les Rois de papiers. La Caricature de Henri III à Louis XVI*, Paris, Belin, 2002, CROUZET, Denis, *Les Guerriers de Dieu : la violence au temps des troubles de religion (vers 1925 – vers 1910)*, Seyssel, Champ Vallon, 1990, 2 vol., et JOUHAUD, Christian, *Mazarinades : la Fronde des mots*, Paris, Aubier, 1985.

se de um importante *corpus* de análises que consideram como livros objetos grosseiramente impressos e que não superam algumas poucas páginas.²⁸

Percorrendo este mesmo caminho, outros historiadores deram toda a importância para a literatura popular dos séculos XIX e XX, para simplificar, do romance a quatro soldos de 1848 à coleção *Harlequin* do pós Segunda Guerra. Iniciados pelos universitários René Guise, Jean-Claude Vareille, Michel Nathan e por autodidatas como Claude Witkowski,²⁹ enfim, pesquisas sobre os romances de folhetim, os romances de jornais e revistas, de grande difusão que resultaram em trabalhos atentos para aquele tipo de leitor apenas muito ligeiramente instruído. Dominique Kalifa, com *L'Encre et le sang*, Ellen Constans com seu *Le roman sentimental*, Janice Radway ou Eva Hemmungs-Wirten com seus trabalhos sobre a série *Harlequin*,³⁰ muito contribuíram para ampliar o espectro do livro nas zonas cinzas ou rosas até então não visitadas. Obrigando o historiador a sair das bibliotecas tradicionais e a freqüentar as feiras ou mercados de ocasião, do brechó, do restauro, da “queima de estoque”, mais do que os sebos e salões de antiquários, esta abertura de perspectiva permitiu suscitar uma série de trabalhos essenciais para o avanço da disciplina. Os editores populares do século XIX tornaram-se objeto de monografias preciosas, quer se tratasse dos livros de venda ambulante, Le Bailly, Noblet, Moronval, Pellerin, dos primeiros fascículos, Havard, Bry, Boisgard, ou ainda das grandes coleções ditas seriais, Flammarion, Fayard, Ferenczi, Rouff, Tallandier e seus consortes. Foram então consideradas suas estratégias, mas também seus leitores, suas expectativas, seus pactos e outros procedimentos que lhes permitissem se aproximar desta produção voltada para o grande público.

Foi na tentativa de levar ao extremo esta lógica que, de minha parte, deixei-me interessar há quinze anos por aquilo que chamei de “literatura de rua” evitando, assim, o qualificativo desabonador de “literatura de sarjeta”, tal como ela fora condenada por seus detratores.³¹ Incorporando à noção de livro todos os impressos circulantes nos bulevares, por intermédio do livreiro de rua, e não mais pela tradicional livraria, ou pela biblioteca de estação, ou pelos balcões dos grandes magazines, os três circuitos que, na cidade, foram progressivamente substituídos

²⁸ *Ecrire pour convaincre. Libelles et brochures. XVI^e-XX^e siècles*, dir. CARREZ, Maurice, et MOLLIER, Jean-Yves, *Cahiers d'histoire. Revue d'histoire critique* N° 90-91/2003.

²⁹ WITKOWSKI, Claude, *Les éditions populaires : 1848-1870*, Paris, GIPPE, 1997.

³⁰ CONSTANS, Ellen, *Parlez-moi d'amour : le roman sentimental*, Limoges, PULIM, 1999, KALIFA, Dominique, *L'Encre et le Sang. Récits de crime et société à la Belle Epoque*, Paris, Fayard, 1995, HEMMUNGS WIRTEN, Eva, *Global Infatuation : Explorations in transnational Publishing, and texts. The Case of Harlequin Enterprises and Sweden*, Uppsala, The Uppsala University Press, 1998, et RADWAY, Janice A., *Reading the Romance. Women, Patriarchy and popular literature*, Londres, Chapel Hill and University of North-Caroline, 1984.

³¹ GRAND-CARTERET, John, *L'Affaire Dreyfus et l'image*, Flammarion, 1998, et MOLLIER, Jean-Yves, *Le Camelot et la rue...*, *op. cit.*

pelo ambulante, interessei-me pelo estudo sistemático do gênero de “efêmeros”, para utilizar o vocabulário dos conservadores de bibliotecas, que começam a se interessar por este assunto. Conhecendo seu apogeu entre 1880 e 1906, época em que os *camelôs* ganhavam os bulevares, mas herdeiro do “panfletário” da Restauração, do ambulante urbano e do cancionero do século XVII, esta literatura veio à tona para nos alertar que no início do século XXI a quase totalidade do Terceiro Mundo adotou uma maneira de vender impressos e de comentar a atualidade de forma diversa da cristalizada pelo jornal.³² Do livreto islâmico à literatura de cordel contrária à guerra do Iraque publicada na Bahia, em 2003, passando pela Índia e a África, o livro escapa à nomenclatura segundo os padrões da Unesco, mas justifica a ganância dos historiadores em cercá-lo por todos os lados onde quer que ele se apresente e quaisquer que sejam as formas sob as quais ele se revista.

Uma civilização do livro?

Lembre-mo-nos de que Lucien Febvre preferira a expressão “civilização escrita” para melhor lhe opor às sociedades que dispunham somente da oralidade – o continente africano não muçulmano antes da conquista européia³³ – e para fazer do livro, ao lado do jornal e da biblioteca, um dos vetores da cultura escrita. Mais recentemente, alguns trabalhos de historiadores modernistas, fortemente inspirados nas reflexões de Norbert Elias, tentaram avançar um pouco mais. Robert Muchembled em seu *L'apparition de l'homme moderne*,³⁴ vê no surgimento do livro no campo, na França dos séculos XVI e XVII, a causa essencial de uma ruptura entre dois mundos. Aos seus olhos, no momento em que o livro é levado a “civilizar” os hábitos de todos, por um efeito de ampliação do direito ao sacerdócio às camadas inferiores,³⁵ o livro vai cindir em dois grupos a comunidade camponesa. Ao lado do impresso, os clérigos, os aristocratas e os administradores das vilas representam o poder, enquanto que o grupo dos camponeses se opõe àquele a quem é legada a função normativa das práticas culturais. Uma fratura, segundo Muchembled, ter-se-ia instalado no período que vai de Rabelais a La Fontaine,³⁶ de modo que o livro teria sido percebido por muitos como o instrumento desta ruptura da comunidade antiga. Se aceitarmos, ainda que parcialmente, esta análise contestada por Roger Chartier, e que tanto deve a Henri Mandrou e a Norbert Elias, compreender-se-ia melhor a interpelação do pai Sorel a seu filho Julien – “leitor do cão!” em *O Vermelho e o Negro* de Stendhal, em 1830, ou a observação de uma velha camponesa a uma

³² Ibid.

³³ TOUATI, Houari, *L'Armoire à sagesse. Bibliothèque et collections en Islam*, Paris, Aubier, 2003.

³⁴ MUCHEMBLED, Robert, *L'Invention de l'homme moderne*, Paris, Fayard, 1988.

³⁵ ELIAS, Norbert, *La Civilisation des mœurs*, trad. fr., Paris, Calman-Lévy, 1973. [Rio de Janeiro : Zahar, 1990. 2v.].

³⁶ MUCHEMBLED, Robert, *op. cit.*

professora que emprestava livros a seu filho, que já estava na idade adulta, por volta de 1910: “A leitura o fez perder-se para sempre”.³⁷ Incontestavelmente, a desconfiança de uma fração não desprezível da população em terras cristãs a respeito do livro, até época recente, coloca um problema que não se poderia atribuir exclusivamente à Contra-Reforma e à sua vontade de manter a palavra do pastor como intermediário obrigatório entre o Livro – a Bíblia – e o pecador.

Nessa busca pela reconquista das almas dos fiéis, a Igreja romana desenvolveu diferentes políticas, mas não uma só. E os jesuítas tomaram muito cedo a iniciativa de redigir “bons livros” em resposta ao ataque das Luzes, o que deu origem a toda uma literatura edificante e recreativa do século XIX, de *Fabiola*, do cardeal Wiseman a *Bécassine*, passando pelas narrativas publicadas pela avó do General De Gaulle, por Lefort, em Lille.³⁸ Como o resumiu admiravelmente o abade Bethléem, havia *Romans à lire et [des] romans à proscrire*,³⁹ ou seja, supunha-se que o impresso fosse neutro e não intrinsecamente perverso, contrariamente ao que acreditaram alguns prelados zelosos do século XVII.⁴⁰ Todavia, segundo a visão dos denegridores do romance, dominava a idéia de que o único livro aceitável era aquele que continha a palavra revelada e que todos os outros eram por princípio errados, caso se desviassem para um só comentário desta palavra. Pode-se, então, dar crédito desta predicação oposta à difusão do livro, observada por Philippe Martin, pois uma fração não desprezível da desconfiança da população com respeito ao ato da leitura, antes da aparição dos jogos de vídeo game e do computador, recuperou nos dias de hoje uma parte dos medos ancestrais.⁴¹

Por conseguinte, seguir Robert Muchembled a ponto de admitir que a generalização do livro teria feito nascer uma sociedade radicalmente diferente daquela que a precedera, em outros termos, que uma civilização se substituiu à sua antecessora, parece-nos uma idéia tão errônea quanto pensar que uma “civilização do jornal” surgiu na França após 1836.⁴² Que esta mídia tenha transformado hábitos e modificado visões de mundo de indivíduos, isto nos parece evidente, mas, isto ocorreu na mesma escala de importância que o material escolar,

³⁷ OZOUF, Jacques et Mona, *La République des instituteurs*, Paris, Hautes Etudes/Gallimard/Le Seuil, 1992 et MOLLIER, Jean-Yves, *La Lecture et ses publics à l'époque contemporaine. Essais d'histoire culturelle*, Paris, PUF, 2001.

³⁸ ARTIAGA, Loïc, *Les Catholiques et la naissance de la littérature industrielle en France, en Belgique et au Québec, de 1830 à 1864*, thèse de doctorat en Histoire, dir. J.Y. Mollier, Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, 2003.

³⁹ MOLLIER, Jean-Yves, "Aux origines de la loi du 16 juillet 1849. La croisade de l'abbé Bethléem contre les illustrés étrangers", *On tue à chaque page ! La loi de 1949 sur les publications destinées à la jeunesse*, dir. CRÉPIN, Thierry, et GROENSTEEN, Thierry, Paris, Ed. du Temps, 1999, p. 17-34.

⁴⁰ MARTIN, Philippe, *Une religion des livres (1640-1850)*, Paris, Cerf, 2003.

⁴¹ MOLLIER, Jean-Yves, "Pourvu qu'ils lisent ! ou la fin d'un tabou", *Actes des Journées d'Arole. 14 et 15 novembre 2003*, La chaux de Fonds, Bibliothèque de la ville, 2004, p. 95-107.

⁴² KALIFA, Dominique, et VAILLANT, Alain, "Pour une histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle", *Le Temps des médias* N° 2/2004, p. 199-213.

vendido a dezenas de milhões de exemplares após 1880,⁴³ o romance popular, a canção de rua ou esta literatura de rua, que não é absolutamente cópia da imprensa. Todas estas mídias, no conjunto, desencadearam esta “revolução cultural silenciosa”, cuja existência foi assinalada em 1993,⁴⁴ e seria inútil tentar atribuir exclusivamente ao jornal o mérito ou a responsabilidade desta evolução. Ao escolher o título *La civilisation écrite. Le livre, les journaux, les bibliothèques*, no volume de *L'Encyclopédie française* que consagrou o aparecimento destes fenômenos, Lucien Febvre havia sem dúvida ponderado com clareza. Certo, Dominique Kalifa e Allain Vaillant têm razão ao insistir sobre a incontestável novidade que Girardin introduziu ao criar *La Presse*, em 1836 e Millaud, *Le Petit Journal*, em 1863, mas parece-nos duvidoso que as estruturas internas desta mídia tenham subvertido a totalidade da sociedade ao ponto de penetrar no interior da canção de rua, do panfleto, do anúncio, da caricatura, da fotografia, ou do manual escolar, da imagem piedosa e do objeto em *cartoon*.

Se nos detivemos, então, na expressão “civilização do escrito”, não quer isto dizer que subestimamos a importância das evoluções que se processam no seio do século XIX. Quando falamos de “revolução silenciosa”, é justamente para colocar o acento sobre o caráter decisivo das rupturas que então se operam. Todo o imaginário de francesas e franceses, suas representações, as mais essenciais, modificam-se sob o efeito da irrupção de milhões de impressos em suas vidas cotidianas. Um verdadeiro dilúvio de papel se abate sobre as cidades – duzentas toneladas cotidianas em Paris, durante o mês de janeiro de 1898 –⁴⁵ mas também no campo, onde o cartão postal, o anúncio exibindo as novidades russas, a imagem piedosa, ou seu pingente laico, a fotografia, o jornal, a brochura, o livro barato, o livro de classe, o dicionário (após 1905), tudo isso penetra na sociedade num ritmo muito seguro. A cultura dos homens se laiciza, trata-se de uma evidência, ela se nacionaliza – uma outra evidência – e novas figuras substituem aquelas de outros tempos, emanadas seja da escola, seja da sociedade. Na tentativa de melhor descrever estas representações, a história cultural e, nos últimos cinquenta anos, uma de suas variantes, a história do livro, da edição e da leitura, cruzamento onde se encontram a história econômica, a história social, a história política, a história religiosa, a história das técnicas, bem como a história da educação, todas estas disciplinas em permanente mobilização, se confluem afim de compreender o que o aparecimento do livro, ou seja, do *volumen*, trouxe às sociedades contemporâneas, onde a oralidade havia até então dominado a vida dos homens. Além disso, elas buscam compreender o que a multiplicação do impresso provocou,

⁴³ MOLLIER, Jean-Yves, "Le parfum de la Belle Epoque", *La Culture de masse en France de la Belle Epoque à aujourd'hui*, dir. RIOUX, Jean-Pierre, et SIRINELLI, Jean-François, Paris, Fayard, 2002, p. 72-115.

⁴⁴ Ibid. et MOLLIER, Jean-Yves, "Le manuel scolaire et la bibliothèque du peuple", *Romantisme* N° 80/1993, p. 79-93.

⁴⁵ MOLLIER, Jean-Yves, "Zola et la rue", *Les Cahiers naturaliste* N° 72/1998, p. 75-92.

particularmente no momento em que ele se torna o alimento cotidiano de cada um, após 1880, num país como a França.

Ao revestir de diversas formas, segundo o país onde ela se manifestou, esta história fala também da diversidade dos pontos de vista daqueles que a praticam. Assim, os britânicos optaram por redigir uma história do escrito, que parte da conquista romana e integra o fundo da cultura céltica preexistente a esta. Além disso, tratam de bibliotecas, tanto quando da edição em rede. Na Itália ou na Espanha, foram criadas recentemente cadeiras de história do livro e do jornal em várias universidades, sinal de que os pesquisadores se recusam a lidar com os instrumentos da comunicação entre os homens separadamente. Na França, onde nenhum posto jamais foi definido desta maneira, a história da imprensa e a história do livro parecem caminhar em destinos paralelos, mas trata-se, provavelmente, de uma dificuldade, talvez de uma incapacidade congênita de praticar a pesquisa coletiva. Ao defender a união, ou mais exatamente a combinação da história do livro e da imprensa, fazemos nosso o plano de estudos de Lucien Febvre, acrescentando apenas a consciência clara deste momento capital que significou a conclusão da reforma de instrução universitária, numa sociedade onde a indústria cultural estava até então completamente acomodada e onde a cultura de massa havia precocemente aparecido, sem que houvesse necessidade de esperar nem a generalização do cinematógrafo, nem a introdução da televisão na maioria das casas, para observar seus efeitos.⁴⁶

⁴⁶ MOLLIER, Jean-Yves, "Le parfum de la Belle Epoque", *op. cit.*